



ENTRE A PROIBIÇÃO E A PRÁTICA: UMA ANÁLISE DO USO INDEVIDO DE CELULARES NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL ECIT ADVOGADO NOBEL VITA, EM COREMAS-PB

BETWEEN THE BAN AND THE PRACTICE: AN ANALYSIS OF THE MISUSE OF CELL PHONES IN THE ECIT ADVOGADO NOBEL VITA FULL-TIME SCHOOL IN COREMAS-PB

DOI: 10.5281/zenodo.22395222



Robson Silva Cavalcanti¹

Hugo Soares Cavalcanti²

Adrian Vinicius Monteiro Leandro³

Francisco Soares da Silva⁴

RESUMO

A intensificação do uso de dispositivos móveis no cotidiano juvenil tem produzido impactos significativos nas dinâmicas escolares, especialmente em instituições de ensino médio em regime de tempo integral, nas quais o uso de celulares é formalmente proibido durante as aulas. Nesse contexto, compreender como essas práticas se manifestam torna-se fundamental para qualificar o debate educacional para além de abordagens normativas. O objetivo deste estudo é analisar de que modo os registros de tempo de tela ativa e de consumo de bateria por aplicativos revelam padrões, motivações e impactos do uso indevido de celulares por estudantes em uma escola de tempo integral. Trata-se de uma pesquisa de natureza quantitativa, com delineamento descritivo-exploratório, realizada a partir da análise de dados de 100 aparelhos celulares pertencentes a estudantes do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. A coleta de dados ocorreu por meio dos relatórios nativos de tempo de tela e consumo de bateria dos dispositivos, possibilitando a identificação dos aplicativos mais utilizados e a estimativa do tempo diário de uso. Os resultados indicam médias elevadas de tempo de tela em todas as turmas, bem como a predominância de aplicativos voltados à socialização, ao entretenimento e à comunicação instantânea, em detrimento de usos pedagógicos. Conclui-se que a proibição institucional, de forma isolada, mostra-se insuficiente para regular o uso dos celulares no contexto do ensino integral,

1 Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. E-mail: robsonsilvacavalcanti@yahoo.com.br.

2 E-mail: hugosoarescavalcanti13@gmail.com.

3 E-mail: adrianvinicius1991@gmail.com.

4 E-mail: francisco.adv.br@gmail.com.





evidenciando a necessidade de estratégias educativas que promovam o uso crítico e consciente das tecnologias digitais no ambiente escolar.

Palavras-chave: Uso de celulares; Ensino médio; Escola de tempo integral; Tecnologias digitais; Tempo de tela.

ABSTRACT

The increased use of mobile devices in the daily lives of young people has produced significant impacts on school dynamics, especially in full-time high schools, where cell phone use is formally prohibited during classes. In this context, understanding how these practices manifest themselves becomes fundamental to qualifying the educational debate beyond normative approaches. The objective of this study is to analyze how records of active screen time and battery consumption by applications reveal patterns, motivations, and impacts of the misuse of cell phones by students in a full-time school. This is a quantitative, descriptive-exploratory study, conducted through the analysis of data from 100 cell phones belonging to students in the 1st, 2nd, and 3rd years of high school. Data collection occurred through native reports of screen time and battery consumption of the devices, allowing the identification of the most used applications and the estimation of daily usage time. The results indicate high average screen time across all classes, as well as a predominance of applications focused on socialization, entertainment, and instant communication, to the detriment of pedagogical uses. It is concluded that institutional classification, in isolation, proves insufficient to regulate cell phone use in the context of full-time education, highlighting the need for educational strategies that promote the critical and conscious use of digital technologies in the school environment.

Keywords: Cell phone use; High school; Full-time school; Digital technologies; Screen time.

1. INTRODUÇÃO

Conforme Castells (2013), a sociedade contemporânea organiza-se a partir de uma lógica de conectividade em rede, na qual sujeitos, instituições, culturas e fluxos comunicacionais se articulam em escala global e em tempo real, demandando a revisão de conceitos e práticas tradicionais. No âmbito educacional, Dias-Trindade, Ferreira e Moreira (2021) destacam que a tecnologia sempre esteve presente nos processos educativos, uma vez que a própria escola é fruto da evolução tecnológica e historicamente incorporou artefatos considerados adequados às práticas de ensino. Ao longo do século XX, a tecnologia educacional consolidou-se como parte constitutiva das propostas pedagógicas e, no contexto contemporâneo, passa a ocupar posição central nos discursos educacionais.

Todavia, Varela (2019) adverte que o uso das tecnologias digitais também pode gerar prejuízos ao desenvolvimento dos estudantes. De fato, Brito, Alencar e Leite (2025) apontam





que a exposição excessiva de crianças e adolescentes às telas pode comprometer, a curto e longo prazo, o desenvolvimento psicossocial, psicomotor e cognitivo.

Segundo os autores, a ausência de equilíbrio entre o tempo de uso e a qualidade dos conteúdos consumidos tende a gerar impactos negativos, como dificuldades na regulação emocional, fragilização das relações sociais, atrasos no desenvolvimento da linguagem, prejuízos à motricidade e à atividade física. Entre adolescentes, destacam-se ainda problemas relacionados ao sono, ao sedentarismo, à saúde física e postural, bem como efeitos adversos sobre o desempenho escolar e a saúde mental, incluindo quadros de ansiedade e depressão (Brito; Alencar, Leite, 2025).

O fato é que a presença massiva dos dispositivos móveis no cotidiano juvenil tem produzido transformações significativas nas formas de comunicação, socialização e acesso à informação. Zuin e Ferreira (2024) afirmam que, na sociedade contemporânea, o smartphone ocupa um lugar central tanto nas práticas de lazer quanto nas atividades laborais, em razão de sua multifuncionalidade e das diversas possibilidades de comunicação, entretenimento e produção de conteúdos. Segundo os autores, essa ampla presença no cotidiano contribui para que o celular permaneça presente também no ambiente escolar, inclusive em salas de aula, mesmo em contextos institucionais nos quais seu uso é formalmente proibido.

No contexto escolar, especialmente em instituições de educação básica, o uso de celulares, sobretudo, tem sido alvo de normatizações restritivas, sob a justificativa de evitar dispersões, prejuízos ao processo de ensino-aprendizagem e conflitos pedagógicos. Ainda assim, observa-se que, mesmo diante de proibições explícitas, o uso desses dispositivos persiste de maneira recorrente, muitas vezes de forma velada.

Nesse cenário, emerge a necessidade de compreender não apenas a ocorrência do uso indevido de celulares, mas também os padrões, as motivações e os impactos associados a esse comportamento, considerando as especificidades do tempo prolongado de permanência dos estudantes na escola de tempo integral. Diferentemente de abordagens fundamentadas exclusivamente em relatos docentes ou em percepções subjetivas, este estudo propõe uma análise sustentada em dados objetivos, como os registros de tempo de tela ativa e de consumo





de bateria por determinados aplicativos, os quais possibilitam inferir hábitos de uso, frequência de acesso ao aparelho e momentos de maior incidência durante o período escolar.

A partir dessa perspectiva, delinea-se o problema de pesquisa que orienta o presente artigo: de que modo os registros de tempo de tela ativa e de consumo de bateria podem revelar padrões, motivações e impactos do uso indevido de celulares por alunos em uma escola de tempo integral, em um contexto no qual o uso desses dispositivos é formalmente proibido durante as aulas? Tal problematização permite deslocar a análise da mera constatação da infração normativa para a compreensão do fenômeno em sua complexidade, considerando-o como expressão de impasses entre cultura juvenil, práticas escolares e políticas institucionais de controle.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza quantitativa, com delineamento descritivo-exploratório, desenvolvido no contexto de uma escola pública de ensino médio em regime de tempo integral. Tal abordagem mostrou-se adequada por possibilitar a identificação e a análise de padrões objetivos de uso de dispositivos móveis por estudantes, em um ambiente no qual o uso de celulares é formalmente proibido durante as aulas.

No cenário educacional, nota-se uma baixa adesão às metodologias quantitativas. De acordo com Gatti (2004), esse fenômeno é reflexo de uma carência na qualificação dos docentes-pesquisadores, somada a um desinteresse acadêmico por essa vertente. Complementando essa visão, Nascimento e Cavalcante (2018) apontam que tais abordagens são fundamentais para o campo, pois permitem a validação de hipóteses e a compreensão objetiva de fenômenos, utilizando o rigor estatístico para que os resultados possam ser aplicados em contextos mais amplos.

Ademais,

Pesquisas quantitativas são indicadas para responder a questionamentos que passam por conhecer o grau e a abrangência de determinados traços em uma população, esta também é uma forma de estar sensível aos problemas sociais. Há, nesse tipo de pesquisa, um caráter mais ou menos generalizador; contudo a preocupação em





relacionar a pesquisa aos contextos enriquece o trabalho. (Pereira; Ortigão, 2016, p. 69).

O campo empírico da investigação compreendeu três turmas do ensino médio (1º, 2º e 3º anos), totalizando 100 estudantes, cujos aparelhos celulares foram considerados na coleta de dados, respeitando-se as limitações técnicas e as configurações individuais de privacidade de cada dispositivo. Não houve intervenção direta sobre o uso dos aparelhos, tampouco qualquer indução de comportamento, uma vez que os dados analisados referem-se a registros já disponíveis nos próprios sistemas operacionais dos celulares.

Enquanto estudos anteriores na instituição focaram em uma abordagem mista com questionários para entender percepções, esta pesquisa propõe deslocar a análise para dados objetivos de registros nativos dos sistemas Android e iOS, oferecendo uma compreensão mais concreta do fenômeno. A coleta de dados ocorreu por meio da consulta aos relatórios de tempo de tela ativa e de consumo de bateria por aplicativo, recursos nativos presentes nos sistemas *Android* e *iOS*. Em razão de restrições técnicas, nem todos os estudantes disponibilizaram o tempo total de tela ativa; contudo, em todos os aparelhos foi possível identificar ao menos os dois aplicativos com maior consumo energético, o que permitiu inferir padrões recorrentes de uso.

Os dados obtidos não correspondem exclusivamente ao período em sala de aula, abrangendo o uso diário do celular como um todo. Entretanto, considerando que os estudantes permanecem grande parte do dia na escola em função do regime de tempo integral, compreende-se que os registros analisados refletem, de maneira significativa, práticas de uso durante o horário escolar, inclusive em situações nas quais o uso do aparelho é normativamente vedado.

A análise dos dados foi realizada de forma descritiva, por meio da organização dos tempos de tela, do cálculo de médias aproximadas e da identificação da frequência de ocorrência dos aplicativos mais utilizados em cada turma. Posteriormente, tais informações foram interpretadas à luz da centralidade das tecnologias digitais na sociedade contemporânea, bem como seus impactos no desenvolvimento dos estudantes e no cotidiano escolar.





3. REFERENCIAL TEÓRICO

Observa-se um crescimento contínuo no número de usuários de celulares no Brasil, o que evidencia a ampla incorporação desses dispositivos tanto nas atividades profissionais quanto nas práticas de lazer. A centralidade assumida pelo *smartphone* no cotidiano contemporâneo torna sua exclusão cada vez menos viável, sendo reforçada pela constante renovação dos aparelhos e pela busca dos consumidores por atualizações tecnológicas oferecidas pelas empresas (Crepaldi, 2019).

Tanto que, como argumentam, Zuin e Zuin (2018, p. 421),

o aparelho celular pode ser identificado como um *gadget* que se torna cada vez mais imprescindível não só para os adolescentes, como também para os adultos e até mesmo crianças. Torna-se cada vez mais comum a sensação de que esquecer o telefone móvel em casa significa algo como que se separar de um braço ou de uma perna, como se fosse um membro biônico, tamanha a sua importância nas relações cotidianamente estabelecidas. Atualmente, é quase impossível se separar de tal aparelho, haja vista o fato de cada vez mais pessoas acordarem durante as madrugadas para checar novas mensagens no *WhatsApp*, nos seus perfis no *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* ou *Snapchat*, ou até mesmo para ler as notícias postadas nos mais variados tipos de *sites*.

Martin e Toschi (2014) observam que, no âmbito educacional, mesmo diante da existência de legislações estaduais que restringem o uso de celulares nas escolas, esses dispositivos permanecem amplamente presentes no cotidiano escolar, sendo utilizados por estudantes, professores e demais funcionários. Os autores destacam que o crescimento da teledensidade e o contínuo aprimoramento tecnológico dos aparelhos, aliados ao acesso à *internet* e à convergência de múltiplas mídias, ampliam as possibilidades de interação e suscitam questionamentos sobre os impactos dessa conectividade móvel no ambiente educacional.

É importante reconhecer que

no meio educacional, a implementação do uso do celular pode tornar as aulas mais atrativas para o aluno se utilizado a favor dos professores em suas metodologias, pois os celulares têm um grande potencial como ferramenta didática, podendo auxiliar professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem (Santos; Oliveira, 2020, p. 680).





Assim, é imprescindível que essas ferramentas sejam “manuseadas de maneira ética, reflexiva e significativa”, devendo contribuir para uma formação de qualidade (Santos; Oliveira, 2020, p. 681). No entanto, apesar de todas as potencialidades inquestionáveis, é preciso estar atento também aos possíveis aspectos negativos de um uso desregrado e sem intencionalidade.

A diluição das fronteiras entre sono e vigília, intensificada pelo uso constante de dispositivos digitais, pode gerar distúrbios do sono e comprometer a concentração dos estudantes nas atividades escolares. A ansiedade relacionada à sensação de desconexão favorece a busca contínua por interação mediada por aparelhos, fazendo com que o ato de se comunicar se sobreponha ao conteúdo da comunicação. Nesse cenário, a comunicação tende a assumir um caráter absoluto, esvaziando seu potencial reflexivo e limitando a construção de sentidos e identidades a partir do diálogo (Zuin; Zuin, 2018).

Além disso, o uso excessivo de *smartphones*, sobretudo, tem sido associado ao aumento do comportamento sedentário e a prejuízos à saúde. Bomfim, Menezes e Bueno (2024) apontam que a exposição prolongada às telas pode provocar alterações cardiovasculares e favorecer fatores de risco como obesidade e distúrbios metabólicos. Farias (2024) destaca que esse padrão de uso impacta negativamente o bem-estar e o desempenho acadêmico, ao relacionar-se a inatividade física, dores corporais, problemas de sono e dificuldades de concentração. Já Desmurget (2023) enfatiza que os efeitos do tempo de tela dependem das práticas de uso, sendo as interações pouco construtivas associadas à queda no rendimento escolar.

Apenas corroborando todos esses apontamentos, Haidt (2024) reforça que o uso excessivo de telas entre crianças e adolescentes está associado a um conjunto de efeitos negativos no desenvolvimento e no bem-estar. O autor destaca que a exposição prolongada compromete o sono, afetando a memória, a capacidade cognitiva, a concentração e o rendimento escolar, além de favorecer quadros de fadiga e instabilidade emocional.

Haidt (2024) também aponta a intensificação de sintomas de ansiedade e depressão, bem como a redução das interações sociais presenciais, fundamentais para o desenvolvimento de habilidades sociais. Ademais, o uso contínuo e fragmentado de múltiplas aplicações





contribui para a dispersão da atenção, dificultando a manutenção do foco em atividades prolongadas, ao passo que o aumento do comportamento sedentário eleva os riscos de problemas de saúde.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 3º ANO

A coleta de dados realizada junto aos estudantes do 3º ano do ensino médio envolveu um total de 28 alunos. Ressalta-se, entretanto, que nem todos os participantes disponibilizaram o tempo total de tela ativa, em razão de limitações técnicas dos aparelhos ou de configurações individuais de privacidade. Ainda assim, em todos os casos foi possível identificar os dois aplicativos mais utilizados, a partir das informações referentes ao consumo de bateria, o que permitiu inferir padrões de uso recorrentes.

No que se refere especificamente ao tempo de tela ativa, foi possível obter registros completos de 14 estudantes. Os valores individuais variaram entre aproximadamente 3h58min e 8h57min diárias, evidenciando uma ampla dispersão dos dados. A partir desses registros, calculou-se uma média aproximada de 6h30min de tempo de tela diário entre os alunos analisados, valor que se mostra impactante quando considerado o contexto escolar e as normativas institucionais de restrição ao uso do celular.

No tocante aos aplicativos mais utilizados, a análise dos dados de consumo de bateria revela uma predominância marcante de redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e jogos digitais. Entre os aplicativos mais recorrentes destacam-se *WhatsApp* (13), *Instagram* (12) e *TikTok* (8), frequentemente associados entre si nos registros individuais. Também aparecem com menor frequência, mas de forma significativa, aplicativos de entretenimento e jogos, como *Free Fire*, *Clash Royale*, *8 Ball Pool* e *Mob Control*, além de plataformas de consumo de mídia, como *YouTube*, *Kwai* e *Snaptube*.

Observa-se ainda a presença pontual de aplicativos com potencial uso acadêmico ou funcional, como *WPS Office*, *Google Documentos*, *Canva* e *Google Fotos*. Contudo, tais ocorrências são minoritárias quando comparadas ao predomínio de aplicativos voltados ao





lazer, à socialização e ao consumo de conteúdos digitais, o que sugere que o uso do celular, mesmo em ambiente escolar, está majoritariamente associado a práticas não pedagógicas.

4.2 2º ANO

No 2º ano do ensino médio, realizou-se o levantamento a partir de 26 aparelhos celulares pertencentes aos estudantes. Quanto ao tempo diário de uso do celular, obteve-se acesso aos dados de 11 estudantes. Os registros individuais revelaram uma expressiva heterogeneidade, com valores que variaram entre cerca de 1h01min e 11h45min por dia/em período de aula. A partir desse conjunto de informações, estimou-se uma média aproximada de 7h26min de tela ativa diária, índice superior ao verificado no 3º ano e indicativo da intensidade do uso dos dispositivos móveis no contexto do ensino em tempo integral.

No que diz respeito aos aplicativos mais acessados, a análise do consumo de bateria confirma a predominância de redes sociais, aplicativos de troca de mensagens e plataformas de entretenimento digital. A frequência de ocorrência entre os 26 aparelhos analisados aponta que o *WhatsApp* foi identificado 13 vezes, o *Instagram* 12 vezes e o *TikTok* 10 vezes.

Esses três aplicativos concentram a maior parcela das ocorrências, configurando-se como os principais responsáveis tanto pelo consumo energético quanto pela recorrência do uso do celular. Outros aplicativos aparecem de forma menos expressiva, como plataformas de vídeo e música (*YouTube*, *Spotify* e *Music Play*), jogos digitais (*Brawl Stars* e *Free Fire*) e ferramentas de caráter funcional ou eventual, a exemplo da Galeria, do *Chrome*, de leitores de PDF e de aplicações baseadas em inteligência artificial. Assim como observado no 3º ano, contudo, esses usos apresentam menor relevância quando comparados à centralidade assumida pelas redes sociais e pela comunicação instantânea.

A combinação entre uma média elevada de tempo de tela e a concentração do uso em um número restrito de aplicativos revela tensões semelhantes às identificadas na turma do 3º ano, reforçando a necessidade de aprofundar a reflexão sobre estratégias escolares voltadas à regulação e ao uso pedagógico das tecnologias no ensino integral.





4.3 1º ANO

No levantamento realizado com o 1º ano do ensino médio, foram compilados dados de 46 dispositivos móveis pertencentes aos alunos. Quanto à métrica de permanência diária, logrou-se obter registros precisos de 14 discentes. Tais dados apontam para uma marcada variabilidade de comportamento, oscilando entre o patamar mínimo de 2h12min e o teto de 12h17min por dia, o que reflete perfis de consumo digital profundamente heterogêneos. A síntese desses valores resultou em uma média de 6h15min de exposição diária às telas, um patamar considerado preocupante para estudantes nesta etapa do ciclo básico.

No que concerne à natureza dos aplicativos, a análise energética evidencia a supremacia das redes sociais e plataformas de mensageria. No conjunto dos 46 aparelhos, o *Instagram* contabilizou 27 menções, seguido pelo *TikTok* com 25 e pelo *WhatsApp* com 17, consolidando-se como os pilares da experiência digital dessa turma. Embora outras ferramentas tenham sido registradas, como recursos de produtividade (*Drive* e *Chrome*), apoio escolar (leitor de PDF), inteligência artificial (*ChatGPT*), *streaming* (*YouTube*, *Netflix* e *Spotify*) e entretenimento lúdico (*Minecraft* e outros jogos), sua relevância estatística é secundária diante da centralidade absoluta da comunicação e das redes de interação social.

4.4 DISCUSSÃO GERAL DOS ACHADOS

Os resultados evidenciam que, independentemente do ano cursado, o uso do celular apresenta-se como uma prática intensiva e recorrente entre os estudantes, mesmo em um contexto institucional marcado por normativas restritivas. As médias de tempo de tela diária, superiores a seis horas em todas as turmas, revelam um nível elevado de exposição às telas, o que corrobora as análises de (BRITO; SÁ ALENCAR; LEITE, 2025). Os elevados tempos de tela detectados nos aparelhos (médias superiores a 6h) encontram eco na autopercepção dos discentes da ECIT Nobel Vita. Segundo levantamentos anteriores (Cavalcanti et al., 2025), 65,1% dos estudantes admitem que o celular prejudica sua concentração. Além disso, embora a maioria acredite retomar o foco em menos de 5 minutos após o uso, o acúmulo dessas





interrupções — que ocorrem de 1 a 5 vezes por aula para a maioria — fragmenta a retenção de conteúdo (CAVALCANTI et al., 2025). Observa-se, ainda, que o uso do celular no ambiente escolar não se orienta predominantemente por finalidades pedagógicas..."

Observa-se, ainda, que o uso do celular no ambiente escolar não se orienta predominantemente por finalidades pedagógicas. A centralidade assumida por aplicativos como *Instagram*, *TikTok* e *WhatsApp*, em detrimento de ferramentas acadêmicas ou de apoio ao estudo, indica que o dispositivo móvel funciona, majoritariamente, como um artefato de socialização, entretenimento e consumo de conteúdos digitais. Tal constatação reforça a tensão existente entre a cultura juvenil conectada e as práticas escolares tradicionais, conforme problematizado por Castells (2013), ao tratar da sociedade em rede.

Outro aspecto relevante refere-se à heterogeneidade dos dados, especialmente no que diz respeito ao tempo de tela. A ampla variação entre valores mínimos e máximos sugere que o uso do celular não é homogêneo, mas atravessado por múltiplos fatores, como hábitos individuais, acesso à *internet*, preferências pessoais e estratégias de ocultação do uso durante o período escolar. Essa diversidade de perfis aponta para a insuficiência de políticas escolares sobre a temática uma vez que hoje existe lei que proíbe o celular nestes ambientes, assim não apenas descumprem a lei como também não existe medidas de controle para fins pedagógicos e assim não eliminam o uso, mas tendem a deslocá-lo para práticas veladas.

No contexto da escola de tempo integral, essa problemática assume contornos ainda mais complexos. A permanência prolongada dos estudantes na instituição amplia as oportunidades de uso do celular e intensifica o conflito entre controle institucional e práticas cotidianas dos alunos. Nesse sentido, os dados analisados sugerem que a proibição, isoladamente, não tem sido cumprida e assim é incapaz de regular de forma efetiva o uso dos dispositivos móveis, evidenciando a necessidade de repensar a aplicação prática da lei ou estratégias pedagógicas que considerem o celular não apenas como um problema disciplinar, mas como um elemento constitutivo da experiência juvenil contemporânea.

O uso intensivo e prolongado de dispositivos móveis, evidenciado pelos elevados tempos de tela observados entre os estudantes, pode acarretar impactos significativos no desenvolvimento cognitivo, emocional e social, bem como no desempenho escolar. A





exposição excessiva às telas tende a comprometer a atenção sustentada, a capacidade de concentração e a autorregulação, elementos fundamentais para os processos de ensino-aprendizagem, especialmente em contextos de permanência prolongada na escola.

Ademais, o predomínio de aplicativos voltados ao entretenimento e à interação social pode favorecer práticas de uso compulsivo, fragmentação do tempo de estudo, distração durante as aulas e dificuldades na organização das rotinas escolares. Do ponto de vista psicossocial, esse padrão de consumo digital associa-se a prejuízos nas relações interpessoais presenciais, ao aumento da ansiedade e a alterações nos hábitos de sono, fatores que, de forma articulada, impactam negativamente o bem-estar e o rendimento acadêmico dos estudantes, conforme já apontado pela literatura.

Assim, os achados deste estudo apontam para a urgência de políticas educacionais e práticas escolares que avancem para além da lógica punitiva, incorporando reflexões sobre o uso consciente, crítico e pedagógico das tecnologias digitais ou mesmo pela aplicação dura da lei ou alternativa de recolhimento durante as aulas, salvo práticas permitidas pelo docente. Ao revelar padrões objetivos de uso, a análise do tempo de tela e do consumo de bateria contribui para deslocar o debate do campo das percepções subjetivas para uma compreensão mais concreta e fundamentada do fenômeno, abrindo espaço para intervenções educativas mais contextualizadas e eficazes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar de que modo os registros de tempo de tela ativa e de consumo de bateria por aplicativos podem revelar padrões, motivações e impactos do uso indevido de celulares por estudantes da ECIT Advogado Nobel Vita em Coremas -PB, uma escola de ensino médio em regime de tempo integral, em um contexto no qual o uso desses dispositivos é formalmente proibido durante as aulas. A partir da análise dos dados coletados, foi possível compreender que a presença do celular no cotidiano escolar extrapola a lógica da infração normativa, configurando-se como um fenômeno complexo, imbricado às práticas juvenis contemporâneas e às dinâmicas da sociedade em rede.





Os resultados mostraram médias elevadas de tempo de tela diária em todas as turmas analisadas, bem como a predominância de aplicativos voltados à socialização, ao entretenimento e ao consumo de conteúdos digitais, como redes sociais e plataformas de contato instantâneo. Tais achados indicam que o uso do celular no ambiente escolar ocorre, majoritariamente, desvinculado de finalidades pedagógicas, mesmo quando o dispositivo poderia ser potencialmente integrado aos processos de ensino-aprendizagem.

A variação observada nos tempos de uso e nos perfis de consumo digital sugere que o comportamento dos estudantes não é homogêneo, sendo atravessado por fatores individuais, sociais e culturais. Nesse sentido, o não cumprimento da política institucional baseada na proibição do uso do celular, tendem a deslocá-la para usos ocultos, reforçando tensões entre controle escolar e cultura juvenil, podendo gerar queda no desempenho acadêmico e na aprendizagem dos alunos.

No contexto específico da escola de tempo integral, essas tensões são intensificadas pela permanência prolongada dos estudantes na instituição, o que amplia as oportunidades de uso do dispositivo e evidencia os limites de estratégias centradas apenas na vigilância e na punição. Os dados analisados apontam, portanto, para a necessidade de repensar o papel do celular na escola, avaliar estratégias, considerando-o não apenas como um elemento de distração, mas como parte construtiva da experiência na aprendizagem e comunicacional dos jovens.

Conclui-se que a análise de dados objetivos, como tempo de tela e consumo de bateria, constitui uma estratégia relevante para a compreensão do uso indevido de celulares no ambiente escolar, ao possibilitar uma leitura mais concreta e fundamentada do fenômeno. O deslocamento do campo das percepções subjetivas para evidências empíricas presente neste estudo contribuiu para o aprofundamento das reflexões sobre a relação entre tecnologias digitais e educação, indicando a urgência de políticas e práticas pedagógicas que promovam a proibição do uso ou até mesmo o uso crítico, consciente e educativo dos dispositivos móveis, sobre acompanhamento dos docentes, especialmente no âmbito do ensino médio em tempo integral.





REFERÊNCIAS

BOMFIM, A. D. do; MENEZES, R. L. de; BUENO, G. A. S. Uso excessivo de smartphones: consequências na capacidade aeróbica e na resistência física do adolescente. **Revista Movimenta**, v. 17, n. 2, p. 1-14, 2024.

BRITO, S. M. do N.; ALENCAR, L. B. de SÁ; LEITE, C. Q. Impactos do uso excessivo de telas em crianças e adolescentes: consequências psicossociais e psicomotoras a longo prazo. **Amazônia: Science & Health**, v. 13, n. 1, p. 52-65, 2025.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança** – Movimentos sociais na era da Internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

CAVALCANTI, R. S. et al. Uso inadequado de celulares em sala de aula: impactos na concentração e aprendizagem na ECIT Advogado Nobel Vita. **Revista Aracê**, v. 7, n. 9, p. 1-16, 2025

CREPALDI, A. Revisando os conceitos de celular e educação: a utilização do dispositivo móvel como recurso pedagógico no Paraná de acordo com a lei estadual nº. 18.118/2014-PR. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 58–76, 2019.

DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais**: os perigos das telas para nossas crianças. Tradução: Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2023.

DIAS-TRINDADE, S.; FERREIRA, A. G.; MOREIRA, J. A. Panorâmica sobre a história da Tecnologia na Educação na era pré-digital: a lenta evolução tecnológica nas escolas portuguesas desde finais do século XIX até ao início do ensino computadorizado. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 16, p. 1–20, 2021.

FARIAS, N. V. **Uso excessivo de telas e desempenho acadêmico**: impactos entre estudantes universitários. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicopedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

GATTI, B. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004.





HAIDT, J. **A geração ansiosa**: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. Tradução Lígia Azevedo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

MARTIN, L. da S. N.; TOSCHI, M. S. CELULAR NA ESCOLA: POLÍTICAS, USOS E DESAFIOS PEDAGÓGICOS. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 39, n. 3, p. 557–574, 2014.

NASCIMENTO, L.; CAVALCANTE, M. Abordagem quantitativa na pesquisa em educação: Investigações no cotidiano escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 11, n. 25, p. 251-262, abr./jun. 2018.

PEREIRA, G.; ORTIGÃO, M. Pesquisa quantitativa em educação: algumas considerações. **Revista Periferia**, v. 8, n. 1, jan./jun. 2016.

SANTOS, A. J. C. dos; OLIVEIRA, V. B. de. O USO DO CELULAR EM ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO: panorama e direcionamentos. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, [S. l.], v. 6, n. 18, 2020.

VARELA, M. **Uso excessivo de celulares pode ser prejudicial às crianças**. Drauzio. Publicado em: 23 de maio de 2019. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/coluna-2/uso-excessivo-de-celulares-pode-ser-prejudicial-as-criancas-coluna/>. Acesso em: 25 dez. 2025.

ZUIN, A. Á. S.; FERREIRA, D. A. OS CELULARES, OS PROFESSORES E OS ALUNOS: DESAFIOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM OUTRO CONTRATO PEDAGÓGICO. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 20, n. 51, e12214, 2024 .

ZUIN, V. G.; ZUIN, A. Á. S. O celular na escola e o fim pedagógico. **Educação & Sociedade**, v. 39, n. 143, p. 419–435, abr. 2018.

Recebido em: 30/07/2026

Aprovado em: 19/08/2026

Publicado em: 05/09/2026

